

APONTAMENTOS SOBRE COMUNIDADES RURAIS DO SERTÃO BRASILEIRO¹

Marcelo Leles Romarco de Oliveira²

Resumo:

Este texto é fruto de três trabalhos de campo realizados em comunidades rurais do interior dos estados de Pernambuco, Ceará e Piauí, entre os anos de 2004, 2005 e 2008. Essas pesquisas tinham como objetivos gerais o levantamento de dados socioeconômicos para elaboração de estudos de impactos ambientais de grandes empreendimentos em comunidades rurais nesses estados. Entre as considerações metodológicas utilizadas, procurou-se articular a observação de campo com entrevistas semiestruturadas que procuravam levantar o cotidiano e as formas da apropriação dos espaços nessas comunidades. Assim, as entrevistas e o acúmulo das observações de campo permitiram concluir que a categoria sítio é fundamental para a compreensão dos aspectos da vida cotidiana, produtiva e territorial dessas comunidades.

Palavras Chaves: Interior do Brasil, Campesinato e comunidades rurais

NOTES ABOUT RURAL COMMUNITIES OF THE BRAZILIAN INTERIOR

Abstract:

This text is the result of three field studies conducted in the rural communities of the states of Pernambuco, Ceará and Piauí, between the years 2004, 2005 and 2008. These researches sought to raise socioeconomic data for the preparation of environmental impact studies of

¹ Trabalho extraído das experiências de consultor ambiental na Empresa Ecology Brasil, do Rio de Janeiro entre os anos de 2004 a 2009.

² Marcelo Leles Romarco de Oliveira, Dr. em Ciências, Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA/UFRRJ), professor Adjunto I da Universidade Federal de Viçosa, Departamento de Economia Rural. Endereço: Rua Rui Barbosa, 215, bairro de Fátima Viçosa-MG, CEP: 36570-000 e-mail: mlromarco@yahoo.com.br

large ventures in rural communities these states. Among the used methodological considerations, we tried to articulate the observation with semi-structured interviews which sought to raise the daily life and ways of appropriation of space in these communities. Thus, the accumulation of interviews and field observations led to the conclusion that the category the ranch is crucial to understanding aspects of everyday life and territorial in these communities.

Key words: Brazilian interior, ranch and rural communities

1. Introdução

Nesse estudo, pretendo apresentar algumas reflexões sobre um conjunto de experiências de viagem no sertão do nordeste brasileiro, especificamente nos municípios do Ceará, Pernambuco e Piauí, realizadas entre os anos de 2004, 2005 e 2008, com o objetivo de levantamento de dados socioeconômicos para elaboração de estudos de impactos ambientais de grandes empreendimentos lineares em comunidades rurais.

Neste caso, essa pesquisa ocorreu junto aos seguintes empreendimentos: gasoduto (primeira viagem, entre os Estados do Ceará e Piauí, 2004), Linhas de Transmissão de energia, (segunda viagem, entre os Estados do Ceará e Pernambuco, 2005) e Linhas de Transmissão de energia (terceira viagem, entre os Estados do Ceará, Pernambuco e Piauí, 2008).

É importante destacar que os estudos de impacto ambiental são uma exigência para todas as obras e atividades cuja instalação de algum empreendimento possa provocar significativo impacto ambiental. O material que ilustrará esse trabalho só foi possível através de entrevistas com moradores dos locais visitados e da observação dos modos de vida desses moradores, que se encontram na área de influência dos empreendimentos citados. Assim, esse trabalho teve como objetivo principal compreender, sobretudo, as formas de organização social, as práticas costumeiras dos atores sociais e como esses atores se apropriam do espaço em que vivem, neste caso, os sítios.

Destarte, através dessa experiência, tive a oportunidade perceber que, de uma maneira geral, as localidades do sertão visitadas apresentam características e configurações muito comuns, como os sistemas de propriedade, trabalho e relação com as terras, os ciclos agrícolas (baseados no inverno e verão), as espécies cultivadas, as crenças, as festas, festejos de Santo (Padroeiros), a convivência com a seca, entre outras. Situação semelhante a estas foram encontradas pelo casal Woortmanns (1997) em comunidades rurais do sertão do Estado de Sergipe.

Essas observações que as viagens me proporcionaram foram o que me motivou a escrever esse trabalho. Para isso, procurarei analisar uma categoria muito usada por moradores locais destes estados como forma de elo e identificação territorial, que é o sítio. Portanto, esse trabalho tem por objetivos principais descrever e analisar alguns elementos presentes no interior dos sítios nestas regiões.

1.1 Considerações metodológicas

Dentro da metodologia adotada, procurei utilizar um conjunto de abordagens inter-relacionadas, apreender, registrar e compreender as formas mais significativas de organização social, econômica e cultural das comunidades visitadas. Assim sendo, foi utilizada principalmente uma abordagem voltada para a coleta de narrativas, através de entrevistas semiestruturadas que permitiram compreender as estratégias de ocupação dos espaços, as formas de organização do trabalho, da relação com o território e com a natureza. É importante destacar que as entrevistas semiestruturadas foram realizadas com atores chave de algumas comunidades como lideranças, moradores mais velhos, organizadores das festas dos padroeiros, agentes de saúde e representantes de associações de trabalhadores rurais, totalizando nas três viagens cerca de 40 informantes.

Os resultados das entrevistas associados às observações de campo e de trabalhos de autores como Ellen Woortmann e Klass

Woortmann (1997), Heredia (1979), Garcia Jr (1989), Mauss (2003) e Cândido (1987), entre outros, que estudaram comunidades rurais com características semelhantes, permitiram uma melhor compreensão dos aspectos simbólicos, culturais, sociais e econômicos que orientam as formas de classificação das pessoas, dos espaços e das coisas cotidianas encontradas nas regiões visitadas.

Os trabalhos de campo foram desenvolvidos em três ocasiões, totalizando cerca de pouco mais de dois meses de trabalho de campo. No total, foram visitadas aproximadamente 150 localidades na zona rural de 25 municípios, em três estados do Nordeste brasileiro - Ceará, Pernambuco e Piauí - tendo sido percorridos cerca de 2000 quilômetros durante esses três trabalhos de campo.

É importante destacar que por causa da limitação que eu teria, ou seja, o tempo escasso para a realização dos trabalhos de campo, procurei empregar um olhar mais atento ao que era observado e conversado, sabendo, é claro, que o ideal seria um convívio maior com os sertanejos. Como diria Malinowski (1978), é através da convivência diária, da capacidade de compreender o que está sendo dito além, de participar das conversas e acontecimentos do cotidiano do objeto de estudo é que se permite compreender melhor o que está sendo pesquisado. Entretanto, o acúmulo de entrevistas e impressões de campo, observadas durante as viagens, permitiu-me refletir sobre a categoria sítio em propriedades do sertão, tratando os dados de forma qualitativa.

2. Um registro sobre o Sertão

Andrade (1963), em seu clássico estudo “A terra e o homem no nordeste”, chama atenção pelo fato de o sertão nordestino “ter sido integrado na colonização portuguesa graças a movimentos populacionais partidos de dois focos: Salvador e Olinda” (idem, 1963: 173). Essas duas cidades se desenvolveram como áreas de terras férteis e polos produtores

de açúcar. A busca por terras no sertão tinha como objetivo principal a criação de gado, indispensável ao fornecimento de animais para os trabalhos nos engenhos e para o abastecimento dos centros urbanos em desenvolvimento.

Portanto, o ponto de partida, que procurarei descrever é o próprio sertão, que de uma maneira geral tem sido tratado na literatura e nas ciências sociais como um espaço marcado pela seca, pela desigualdade social e pela resistência do sertanejo. Um exemplo dessa característica pode ser observado na obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, na qual o autor, ao narrar os combates entre as tropas do governo federal e os seguidores do beato Antonio Conselheiro, procura apresentar um retrato duro e poderoso das difíceis condições de vida desta população.

Guardada a diversidade cultural de cada localidade, de uma maneira geral, nos locais percorridos observei que a identidade sertaneja é expressa e construída nos símbolos municipais, nos letreiros dos estabelecimentos comerciais e de serviços, nas músicas, nos versos da literatura de cordel e na produção do artesanato local. Dos elementos da vegetação local, das histórias míticas de Lampião e do Cangaço, aos problemas seculares de seca e da falta de água, passando por questões atuais, como o desmatamento da caatinga³, a transposição do Rio São Francisco. Por isso, o sertão é tema constante de reflexão por parte dos seus habitantes e ao mesmo tempo uma chave fundamental para a construção de uma identidade sertaneja na região.

Um aspecto fundamental a se considerar no sertão diz respeito à relação que os indivíduos têm com as estações do ano (inverno e verão), que para eles são um dos principais elementos que definem o ritmo de vida, cultural, social e econômico. No período do verão, a estiagem e a aridez do

³ A caatinga ou floresta branca (significado tupi da palavra caatinga) é a principal vegetação do sertão. Nela encontram-se espécies como a jurema, o mandacaru, os cactos, a favela, a palma, dentre outras, totalmente adaptadas à escassez de água. Segundo Andrade (1963), a caatinga se desenvolve em solos arenosos e pedregosos, quase desprovidos de matéria orgânica.

sertão tornam muito difíceis o plantio (a terra, nos meses entre julho e janeiro, torna-se improdutivo). Nem sempre o inverno (período de chuvas para o sertanejo) vem com as chuvas necessárias para o desenvolvimento da agricultura. Assim, o sertanejo está sempre na incerteza de saber se a chuva virá e se a lavoura irá prosperar. Um dos principais indicadores para a chegada do inverno são as chamadas trovoadas de dezembro que indicam aos sertanejos que a chuva está próxima. No entanto, muitos entrevistados narraram que nos últimos anos as chuvas têm sido insuficientes e os rios menores têm ficado a cada ano mais rasos e em muitos locais secam prematuramente.

Aqui a gente depende da chuva para plantar e para trabalhar na lavoura, que para nós é o inverno [...] que começa em dezembro e vai até março mais ou menos. Depois as coisas são mais difíceis, porque sem chuva fica mais difícil. (Sitiente em Capitão de Campo-PI, 2004).

Na época da seca ninguém tem emprego ou coisa pra fazer, [...] as pessoas acabam sobrevivendo por causa da ajuda dos programas do governo e da aposentadoria dos mais velhos, sempre foi assim, se não fosse isso, não sei o que seria do povo (Agente de saúde em Sertânia-PE, 2005).

Como é possível observar nos relatos, o período de seca acaba afetando a vida do sertanejo em dois sentidos: o primeiro está ligado à falta de água dificultando a prática da agricultura e reduzindo a oferta de água para o consumo humano e a segunda, como consequência da primeira, é a falta de emprego ou de outra atividade que garanta outros rendimentos durante a estação seca.

Essas condições fazem com que muitos moradores busquem na migração para outras regiões, sobretudo para as grandes metrópoles do Sul⁴, a principal alternativa para fugir dessa situação. Segundo o depoimento de algumas famílias que tinham parentes residindo em estados do sudeste, os parentes tinham saído dos locais de origem para fugir da

⁴ Para as pessoas entrevistadas, cidades como São Paulo, Rio de Janeiro ou até mesmo Brasília são consideradas cidades do Sul. Nesse sentido, alguns autores como Garcia Jr, Woortmann, entre outros, que tratam do campesinato brasileiro, chamam atenção que esses sujeitos sociais tratam o sul como o 'Sul Maravilha'. Uma alusão a uma região que se espera seja melhor que os seus locais de origem.

seca e das condições difíceis que existem no sertão. Klaas Woortmann (1990) analisou a migração de nordestinos para São Paulo como um mecanismo para evitar o fracionamento do sítio. Nesse sentido, o autor ressalta que em muitos casos a família estimula alguns filhos a migrar para ‘São Paulo⁵’ para que abram mão de suas heranças, evitando assim o fracionamento do sítio. Entretanto, o autor ressalta que abrir mão da herança não significa que fiquem isolados em relação à sua organização social. Na localidade de destino, os migrantes constituem redes sociais, sobretudo redes de parentesco, que formam um sistema de apoio para o novo migrante. Essa situação foi observada com familiares de migrantes que ficaram no Piauí.

Eu tenho dois filhos que estão morando no Rio de Janeiro, eles moram lá no Meier. [...] Primeiro foi um vizinho aqui da região e levou o meu filho mais velho, que voltou depois e buscou o meu filho do meio. [...] Já faz oito anos que eu não vejo eles, mas até hoje eles me ajudam, mandando dinheiro. (Sitiente em Cocal de Telha-PI, 2004).

Além disso, a migração poderá possibilitar às famílias que saem ou que têm parentes fora do lugar de origem uma via alternativa de reprodução social para esses trabalhadores, pois algumas famílias entrevistadas durante as pesquisas disseram que tinham parentes que saíram da comunidade para o sul por não terem trabalho e nem terra para plantar. No sul, com o dinheiro ganho, algumas pessoas o remetem para as famílias que ficaram. Esse dinheiro é destinado à sobrevivência ou até mesmo utilizado na compra de terras.

Em algumas localidades, foi possível encontrar pessoas que faziam a chamada migração sazonal, ou seja, ficam seis meses no Rio de Janeiro ou São Paulo, ganham algum dinheiro e depois voltam para a terra natal para ficar seis meses.

⁵ “São Paulo não é uma localização territorial precisa, mas uma categoria classificatória que se opõe ao ‘norte’, na medida em que esse é o lugar de escassez, e o primeiro é o lugar de riqueza” (Woortmann, 1990, p36).

Muitos acreditam que na cidade terão mais facilidades de arrumar um bom emprego e ganhar muito dinheiro. Entretanto, alguns revelaram o medo de vir para as cidades - grande porque a violência na cidade é muito grande. Algumas famílias de proprietários de um pequeno sítio relataram que chegam a incentivar parte dos filhos a migrar para outras cidades para abrir mão de suas heranças, garantindo para outros o acesso a terra, evitando assim o fracionamento da propriedade.

3. Um olhar sobre os Sítios e as suas classificações

De uma maneira geral, o espaço rural é marcado por uma diversidade grande de classificações, como povoados, vilas, fazendas, chácaras, bairros rurais e sítios, cujas definições e limites são pouco claras, podendo ser definido por um acidente geográfico, uma vila, pelo nome de uma família, pela fragmentação de uma fazenda ou pela passagem de algum personagem da história. Assim, os lugares no espaço rural possuem fronteiras geralmente subjetivas. Nesse trabalho, darei destaque ao termo sítio. Minha escolha pelo termo sítio se dá pela grande relação que os moradores do sertão fazem ao se referir aos seus locais de trabalho e morada.

O termo sítio tem sido tratado por alguns autores que trabalham o campesinato como uma unidade territorial criada a partir de uma identidade territorial, que por sua vez é forjada pelas relações de trabalho com a terra e com o parentesco. Para Ellen Woortmann (1995), o termo sítio designa o local da vida e do trabalho do agricultor sertanejo – o chão da morada, um ‘marco simbólico’ acionado pelo morador ou pelo agregado para legitimar sua presença na terra onde vive e trabalha.

Além disso, no seu sentido mais estrito, o vocábulo sítio possui três significados diferentes que correspondem, como escreve Ellen Woortmann (1995), “a espaços simultaneamente físicos e sociais” (idem, 1995, p.248).

Primeiramente, sítio refere-se ao conjunto casa-quintal e é um espaço fundamentalmente feminino, da mãe da família.

Num segundo sentido, o vocábulo sítio evoca um conjunto de espaços articulados entre si. Ele é a somatória "[...] dos seguintes espaços: o mato, a capoeira, o chão de roça e/ou malhada, o pasto, a casa de farinha, a casa e o quintal" (Ellen Woortmann e Klass Woortmann, 1997: 27).

O mato é uma área de cobertura vegetal que nunca sofreu derrubada ou que, em caso afirmativo, tenha ocorrido há muitas décadas. A capoeira é um espaço de vegetação aberto onde há a presença de gramíneas, que pode servir de pastagem para o gado ou para plantar uma roça. A organização do espaço do sítio obedece a uma lógica de preservação e de exploração da área, buscando o equilíbrio com a natureza.

Ao contrário da casa, esse é um espaço predominantemente masculino, lugar do trabalho do pai da família, do homem da casa. Nesse contexto, o sítio pode ser entendido e vivido como um momento fundamental no 'ciclo evolutivo da família, pois a rigor o sítio é o lugar de uma família elementar ou nuclear (conjunto formado pelos pais e filhos). Ao longo do tempo, contudo, os filhos deste casamento podem, depois de velhos e já casados, obter um espaço no território para construir sua própria casa (o seu chão da morada). "Quando os filhos vão casar, a gente arranja um pedaço de chão pra eles levantar a casinha deles". (Sitiantes em Salgueiro-PE, 2005).

Quando há terras suficientes, o pai pode ceder algumas 'tarefas'⁶ para que seus filhos possam construir suas próprias roças. Quando o espaço é restrito, entretanto, eles são obrigados a plantar suas roças em terras alheias através do sistema de parcerias, por arrendamento ou meação. O valor do arrendamento é pago de acordo com a produção e pode variar do pagamento do quinto ou do quarto, conhecidos como 'um pra

cinco' ou 'um pra quatro', respectivamente. É importante ressaltar que esses percentuais de pagamento da renda são variáveis por produtos, por regiões e até mesmo de um sítio para o outro. E em alguns casos, foi possível perceber que alguns produtores que criam gado abrem mão dessa percentagem para ficar com a palhada para o gado pastar. Outra forma de arrendamento se dá quando o dono do terreno entra com a terra, sementes e insumos, e o arrendatário entra com a mão de obra da família. Nestes casos, o mais comum é que a produção seja dividida.

O terceiro sentido atribuído ao termo sítio, o mais disseminado na região estudada, é distinto dos dois anteriores por guardar algumas semelhanças com o 'bairro rural', um tipo de agrupamento encontrado nas zonas rurais dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Goiás: um conjunto de várias famílias elementares unidas entre si e ao território por laços de vizinhança e auxílio mútuo. Entretanto, Antônio Cândido (1987) chama atenção que a semelhança com o bairro rural é, contudo, apenas superficial.

Segundo Ellen Woortmann (1995), o Sítio com o sentido de (S) maiúsculo é um território de reciprocidade e pode ser um território de parentesco. "Em resumo, então o Sítio é uma unidade de parentesco, endogâmica e com uma forte ideologia patrilinear. [...] em seus três significados, a categoria sítio diz respeito a relações de parentesco, das menos às mais inclusivas: família elementar, família extensa e descendência" (idem, 1995, p.251).

Meu avô, o velho Chico, chegou aqui e era tudo mato. Tinha onça, ema, e o gado era tudo criado solto. Daí ele trabalhou aqui e tomou de conta. Meu pai e os irmãos dele ficaram com as partes. A parte do meu pai ele deixou pra nós. Ali mora meu irmão, ali mora outro. (Sítiante em Salgueiro-PE, 2005).

No relato acima, o sítio é caracterizado como território de parentesco, que nasceu da transformação da natureza pelo trabalho. Ao

⁶ Na região estudada três tarefas e meia de terra cultivada correspondem a um hectare.

longo dos anos de derrubadas de árvores, preparação de terras, plantações e colheitas, o mato foi sendo transformado em sítio como o território da morada (a casa) e como o espaço da produção agrícola (a roça), ambas dimensões consideradas o resultado do trabalho humano realizado sobre a terra. Klass e Ellen Woortmann (1997) observaram que a terra considerada 'solta' é um lugar aberto e livre. A expansão da cultura camponesa é transformada pelo trabalho para se configurar como uma 'posse' a partir do qual a família camponesa floresce e se expande através do tempo e do espaço.

Ao longo dos anos, o sítio original vai se fracionando para se transformar num único território que mantém unidos, não só os membros de uma família nuclear ou extensa, mas os indivíduos de uma grande parentela. Nos diversos locais visitados, uma das frases mais ouvidas para se referir ao espaço primordial da vida camponesa foi 'aqui nesse sítio todo mundo é parente'.

Aqui quase todo mundo é parente, principalmente antigamente que todo mundo se casava com gente da família como primo com prima. Porque parente a gente confia mais e de fora a gente não conhece bem (Moradora do sítio campinhos em Salgueiro-PE, 2005).

Esses relatos e muitos outros ouvidos durante a viagem contêm uma descrição rica da noção de parente. Esta situação é garantida por casamentos endogâmicos em que os moradores privilegiam o casamento entre primos.

Outro elemento importante dentro do interior do sítio é o roçado ou a roça, lugar principal do trabalho agrícola no interior do sítio. Heredia (1979), ao estudar comunidades rurais no Nordeste brasileiro, classifica o roçado, sobretudo, como o espaço de trabalho dos membros da família, 'que não recebem nenhuma parte especial do que ali é produzido; o que é obtido no roçado é destinado ao consumo da própria família' (idem, 1979: 105).

Para Klass Woortmann e Ellen Woortmann (1997), de uma forma geral, a roça é construída pelo trabalho eminentemente masculino, ela é o

resultado final de um processo amplo que se inicia com a derrubada do 'mato' (natureza plena) ou da 'capoeira' (natureza regenerada no interior do sítio depois de períodos de descanso da terra) e termina com o plantio das culturas mais comuns na região: o feijão, a mandioca, arroz e o milho.

Nas áreas pesquisadas, os espaços naturais e os espaços cultivados de um sítio se sucedem e se mantêm ligados a um processo temporal mato-capoeira-pastagem e mato-capoeira-palma. Entre cada um destes momentos, a *roça* sempre aparece como um termo de mediação. Noutros termos, eles se sucedem mediados pelo trabalho.

Garcia Jr. (1989), em seu estudo com comunidades rurais no Estado da Paraíba, classifica o roçado como um espaço físico, onde são produzidas as condições sociais necessárias para os cultivos por grupos familiares de pequenos produtores. Geralmente, o excedente da produção é vendido para vizinhos ou em feiras locais pelos próprios produtores, e com os recursos apurados com a venda do excedente da produção, adquirem outros bens necessários para a sua manutenção.

O trabalho dos homens e mulheres sobre a terra não é meramente o conjunto de atividades técnicas que visam à obtenção do sustento econômico para os produtores e seus familiares, ele é também uma forma de produção social e simbólica. Para Klass e Ellen Woortmann (1997), o processo do trabalho agrícola entre estes sujeitos sociais pode ser definido, por um lado, como uma organização de espaços e combinação de espécies e variedades vegetais, para formar ecossistemas construídos com base em modelos de saber e de conhecimento da natureza e, por outro, como possuindo dimensões simbólicas que contribuem para produzir não só espaços agrícolas, como também a organização social.

Assim, todo o trabalho depende, noutros termos, de um conhecimento culturalmente construído do mundo natural envolvente que será transformado por meio de práticas sociais próprias. Noutro sentido, produzindo sobre o meio, os trabalhadores definem também seus papéis

sociais, reatualizando hierarquias familiares, redefinindo redes de reciprocidades entre parentes e vizinhos.

4. Trabalho, família e mutirão nos sítios do sertão

Nos sítios visitados dos três estados, foi possível perceber que historicamente a forma de organização do espaço produtivo está centrada no trabalho familiar em terras que na maioria das vezes são do núcleo familiar ou até mesmo arrendadas pelos sítiantes para o plantio que garantirá a subsistência da família e que, possivelmente, proporcionará uma renda a mais. Geralmente, o tamanho do roçado está determinado pelo tamanho da família, pelo tamanho que é cedido para o plantio ou pela disponibilidade financeira do sítiante.

A mão de obra utilizada na roça quase sempre é toda da família. E quando é necessária a utilização de mão de obra extra, as pessoas contratam alguém de fora da família, sendo os mecanismos de contratação de duas formas: a primeira é a seca (sem refeição). Neste sistema, a diária varia de R\$ 10,00 a 15,00⁷. A segunda é quando se fornece a refeição ou (diária com merenda), nesta forma, o pagamento varia de R\$ 10,00 a 12,00. O valor também pode variar de acordo com o tipo de atividade desenvolvida, com o período do ano ou da necessidade de mão de obra extra, como, por exemplo, na época do plantio da cebola nas regiões próximas aos afluentes do Rio São Francisco, como nos municípios de Cabrobó, Floresta e Salgueiro em Pernambuco.

Nas entrevistas com as mulheres, no município de Sertânia, em Pernambuco, em 2008, foi possível perceber que nos períodos de inverno, ou seja, de chuva, quando se tem maior disponibilidade de água para produzir, o trabalho das mulheres é mais intenso na roça. Além disso, é o período ideal para realizar mais tarefas. Essa situação nos faz remeter a

⁷ Valores pagos em maio de 2008, no sertão de Pernambuco e Ceará.

estudos feitos por autores como Garcia Jr. (1989), que concluiu que as comunidades rurais no nordeste têm uma relação de dependência entre o calendário agrícola e as condições climáticas, principalmente no período das chuvas, sendo o planejamento das atividades afetado diretamente por essa relação.

No entanto, para Giacobbo (1994), a participação da mulher na roça depende de vários fatores, entre eles, o ciclo de vida familiar, ou seja, idade, número e sexo dos filhos, a possibilidade ou não de contratar mão de obra, entre outros. Dessa forma, o trabalho da mulher não fica restrito apenas ao serviço doméstico. “A mulher trabalha juntamente com o homem na ‘roça’, desempenhando tarefas muitas vezes específicas do processo produtivo. Mas sua participação nessas atividades é vista como ajuda”. (idem, 1994, p85).

Além disso, foi possível observar alguns tipos de ajuda mútua como a troca de dias ou o mutirão e, em alguns lugares, o batalhão, que é uma prática muito comum nas sociedades camponesas e que consiste em: “[...] às vezes a gente faz um batalhão com o pessoal do sítio como na época da colheita do feijão ou do plantio da cebola”. (Sitiente em Cabrobó PE, 2008).

A troca de dia é o seguinte: um vizinho ou parente vem para mim e trabalha na minha roça hoje, e depois eu fico devendo o dia para ele, aí eu vou e trabalho na roça dele depois, é assim, sem dinheiro só é pago com o trabalho. (Sitiente em Milagres –CE, 2008).

Essa relação do mutirão é apontada por diversos autores que estudam o campesinato como uma forma de ajuda mútua. Entre estes autores, podemos citar Antônio Cândido (1987), que classificou o mutirão em comunidades caipiras como uma das manifestações de solidariedade mais importantes na sociedade caipira, que, para ele, “Consiste essencialmente na reunião de vizinhos, convocados por um deles, a fim de ajudá-lo a efetuar determinado trabalho: derrubada, roçada, plantio, limpa, colheita, malhação, construção de casa, fiação etc.” (idem, 1987: 68).

Franco (1976) observou que o mutirão em comunidades camponesas no Vale do Paraíba na época do café era visto como ação integradora, que, por meio de obrigações subentendidas, regenera os laços de solidariedade. Ainda segundo a autora, o mutirão consiste em uma forma cooperativa de trabalho e é convocado quando se trata da realização de benfeitorias de interesse coletivo (caminhos, capelas etc.), ou quando tarefas têm de ser realizadas com rapidez, ultrapassando os limites do trabalho doméstico (plantio, colheita, derrubadas, construção de casa etc.).

Utilizando de Weber (1999), é possível refletir que esses laços de solidariedade existentes nesse tipo de comunidades podem ser classificados como um 'empréstimo de favor', que se refere a empréstimos sem juros de bens, de uso e de consumo. Seria um trabalho de favor não remunerado, ou prestação de serviços auxiliares em caso de necessidades urgentes.

Nesse sentido, a relação de vizinhança ou de parentesco é importante para as comunidades dessa natureza, pois os vizinhos e parentes participam das diversas atividades do cotidiano como troca de bens e troca de dias, que auxiliam não só na realização dos trabalhos, mas nas diversas formas de sociabilidade. É importante ressaltar que esse tipo de ajuda mútua só acontece com pessoas dos círculos de confiança do indivíduo, como podemos observar na fala logo abaixo:

Eu só troco dia de serviço com que eu confio, sei que não vai me deixar na mão porque com desconhecido você nunca sabe o que ele pode fazer, então é melhor trocar dia com que a gente conhece mais. É assim que o pessoal daqui costuma fazer. (Sitante em São João do Piauí –PI, 2008).

Esse tipo de ajuda é encarada de forma voluntária pelos participantes do mutirão, entretanto, ele poderia ser observado como um conjunto de obrigações como dar, receber e retribuir. Quem troca dia tem a obrigação de retribuir o favor recebido nos sítios dessas regiões.

Esse ciclo que pode ser chamado de dádiva foi analisado por Marcel Mauss (2003) entre os indígenas das ilhas Trobriand e os índios da América do Norte. Nesse estudo, o autor procurou estudar reciprocidade, ou

seja, a **dádiva** como um valor social que reúne simultaneamente fenômenos religiosos, econômicos, políticos, matrimoniais e jurídicos. Desta forma, a dádiva representaria um valor que estabelece conexões entre indivíduos e grupos. Ela ocorre por meio de um contrato denominado sistema de prestações totais (potlatch), que são feitas, sobretudo, de forma voluntária, por presentes, regalos, embora sejam no fundo obrigatórias. Mauss (2003) procurou expressar sua formulação em cima de regras de sociabilidade fundamentadas na reciprocidade característica de determinado tipo de sociedades chamadas de tradicionais.

5. Cultivar, criar e comer

Nos sítios visitados durante os trabalhos de campo, foi possível levantar que historicamente os meses de maior intensidade de trabalho são aqueles em que ocorrem o preparo do solo e a capina do feijão e do milho. É um período que antecede as chuvas, elemento fundamental para a definição do calendário agrícola nesses sítios.

Outra observação importante sobre o cultivo é que o trabalho varia de acordo com o tamanho da área, ou das tarefas plantadas nos sítios. Ficando assim, o primeiro semestre é destinado à capina e à colheita do que foi plantado no final do ano anterior. Destaca-se que em alguns sítios esse trabalho é realizado por meio de mutirão característico pela troca de dias.

No segundo semestre, os sítiantes alternam consertos de cercas com trato do gado, tirar leite (atividades do cotidiano), ou o cuidado com os caprinos. É nesse período que se inicia o preparo do solo para plantio, a chamada brocagem ou tombar a terra, feita manualmente, sendo uma tarefa pesada que, às vezes, exige mão de obra extra, mas geralmente no segundo semestre os sítiantes não têm muito o que fazer. Em alguns lugares, principalmente na região do sertão do Moxotó, em Pernambuco, alguns trabalhadores procedem ao desmatamento da caatinga com objetivo

de fabricar carvão. Em dezembro e janeiro, eles iniciam o período do plantio do milho e do feijão de acordo com o volume de chuva.

Assim, é possível concluir que o planejamento das atividades de trabalho nestes sítios está diretamente relacionado com o ciclo agrícola. A Tabela 01 mostra um calendário agrícola das principais culturas das regiões estudadas.

Tabela 01 - Calendário agrícola referente às principais culturas de subsistência no Sertão (milho e feijão).

Meses	Período de chuva	Preparo do solo	Plantio	Colheita	Tratos culturais	Manutenção de cercas
Janeiro**						
Fevereiro						
Março						
Abril						
Maiο						
Junho*						
Julho						
Agosto ***						
Setembro						
Outubro						
Novembro						
Dezembro**						

Fonte: Esse quadro foi elaborado a partir de relatos colhidos entre sítiantes dos estados do Piauí, Ceará e Pernambuco entre os anos de 2004 e 2005.

* Em alguns lugares, no mês de julho continua sendo realizada a colheita do milho.

** Em dezembro e janeiro, são iniciadas as chuvas do chamado inverno nordestino.

*** Ressalta-se que de agosto a dezembro o volume de trabalho é menor, pois é o período de maio escassez de água, nesse período o sertanejo vive com ajuda de projetos governamentais, tanto federal, quanto estaduais (Fome Zero, Bolsa Escola, Projeto São José, Dentre outros).

Legenda:

	Período com mais intensidade chuvas no sertão
	Meses de maior intensidade de trabalho agrícola

A rigor, a agricultura do sertanejo é pouco diversificada e ocupa pequenas áreas, visando basicamente ao consumo das famílias. Quando questionado, o sítante raramente vai dizer que vende para fora o feijão ou o milho que produz nas suas roças, embora, às vezes, este produto possa até ser vendido em pequenas quantidades. Situação semelhante foi observada por mim em assentamentos rurais do entorno do Distrito Federal. Esses pequenos roçados são feitos pelos moradores com a sua família, sendo as culturas mais comuns:

Milho: que é plantado no início do período denominado pelos moradores de inverno, ou período das chuvas, que se inicia em dezembro. Geralmente, a época considerada mais propícia para o plantio é o mês de janeiro. Durante o processo de crescimento, a planta do milho recebe de três a quatro capinas e o seu ciclo produtivo dura cerca de quatro meses em média. A colheita é feita manualmente, espiga por espiga, no qual se quebra o talo da planta para evitar que a água apodreça e deixa o milho no roçado por alguns dias para ser colhido posteriormente. Quando a safra é boa, há produção de duas espigas grandes por pé. Segundo os entrevistados, normalmente se colocam cinco sementes por cova, que é aberta por enxada. Normalmente, grande parte do milho é utilizado na alimentação das criações, uma parte é destinada ao plantio do ano seguinte e a outra na alimentação da família. Quando colhido verde, a forragem é destinada ao gado.

Feijão: são cultivadas diferentes variedades, como o feijão de corda, mulato, vermelho e a fava. Todos eles são semeados no inverno junto com o plantio do milho, no chamado sistema de consórcio, ou seja, planta-se uma carreira de milho e outra de feijão. A colheita ocorre entre abril e maio, e durante seu crescimento, normalmente são necessárias três limpas. Nas regiões em que se planta mandioca, é comum plantar o feijão entre os pés de mandiocas. Depois da colheita, o feijão é colocado ainda com a vagem

(casca que envolve a semente) no terreiro onde recebe as varadas, ou seja, nesse processo é que se separa o feijão da vagem. O feijão é considerado uma das principais bases da alimentação das famílias, e o excedente, quando ocorre, é vendido. Também se guarda uma parte para plantar no ano seguinte.

Mandioca ou macaxeira: O plantio da mandioca, também conhecido por muitos no sertão como ‘botar roça’, acontece basicamente nos meses de dezembro e janeiro, sendo destinado quase que totalmente para a produção da farinha, que é utilizada basicamente para a subsistência das famílias, sendo raramente comercializada. Costuma-se plantar a mandioca consorciada com o feijão e o milho. É a cultura que mais trabalho dá ao agricultor, principalmente nos seus cinco primeiros meses, precisando de várias capinas. O ciclo da mandioca é muito variado, podendo ir de 12 a 18 meses. Essa variação é dependente de vários fatores, como tipo de solo, índice pluviométrico, adubos, entre outros. Geralmente o destino da mandioca é a fabricação da farinha, um produto comercial por excelência. A farinha é fabricada nas casas de farinha, pontos de confluência da comunidade, de homens, mulheres e crianças, que se reúnem para fabricar o principal produto, a farinha de mandioca, além de outros secundários, como a goma, que será utilizada para engomar os panos bordados nas casas pelas mulheres ou o polvilho, usado para consumo. O processo de fabricação da farinha é longo e consiste no encadeamento de três fases: a ralação, a prensa e a fermentação da mandioca que depois é colocada no forno para ser torrada. O resultado do processo é armazenado em grandes cestos de palha denominados paneros. O cálculo do pagamento é dado pela quantidade da produção. Geralmente, para cada dez cestos produzidos de farinha, ou dez ‘paneros’, como muitos falam, um deve ser deixado ao proprietário da casa. Alguns resíduos (raspa, casca e etc.) são utilizados na alimentação dos porcos. Foi possível observar que as casas de farinha possuem diferentes estruturas, umas contam com motor para ralar a

mandioca e mexer a farinha no forno, outras só com motor para ralar e algumas utilizam processo totalmente manual.

Já no caso das criações, de um de modo geral, entre os principais animais domésticos criados pelo sertanejo, estão os porcos caipiras, os caprinos, ovinos, aves, asininos, bovinos e, em menor escala, equinos, que são criados extensivamente e utilizados principalmente para subsistência e transporte. Geralmente o sertanejo dá preferência ao jegue ou burro, por ser um dos animais mais adaptados à seca e às condições de trabalho de forragem natural do sertão, sendo principalmente utilizado para o transporte de carga nas cangalhas. “[...] o jegue é o que mais trabalha e o que menos dá trabalho, come de tudo, rói até madeira para não morrer [...]”. (Sitiente no - PI, 2008).

No caso da pecuária bovina, ela é tradicional, utilizando-se das pastagens naturais para alimentação. A rigor, o gado é criado solto pastando junto à caatinga e tem pouca representatividade nos pequenos sítios. Além da questão da produção, o gado é um elemento cultural importante para os sitiantes, pois, na maioria dos casos, são apenas os homens que trabalham com o gado, o que lhes confere determinado status social, além de constituir uma poupança garantida pela sua liquidez imediata. “Bom, aqui tem uns bezerrinhos, quando a gente precisa de alguma coisa [roupas, remédios, dentre outros] a gente vende e apura um dinheiro”. (Sitiente em Betânia – PE, 2005).

Normalmente, logo após a colheita do milho, o gado é transferido para o espaço da roça, onde se alimenta da palha. No período da seca, com pasto insuficiente, o gado se alimenta da palma, uma cultura resistente à seca. Nas regiões próximas às serras, o gado é levado para onde há pastagens mais abundantes, isso ocorre principalmente no segundo semestre do ano, período de estiagem das chuvas. Para evitar que o gado de um sitiante se misture, ele é marcado com um ferro quente com as iniciais do seu proprietário.

Geralmente o rebanho de gado pequeno é destinado ao corte e ao leite. No caso da produção de leite, ela é muito pequena, não só pelo tamanho do rebanho, mas também pela qualidade do gado, que está mais para corte do que para leite, e o mais comum é o gado pé duro. Em alguns lugares do sertão, como na região do Moxotó, em Pernambuco, é ainda muito comum o uso do carro de boi como uma importante ferramenta para os serviços da roça, transporte de madeira e carvão, transporte e abastecimento de água para as moradias dos agricultores da região.

A rigor, o boi de carro é da raça mestiça ou índia, segundo os entrevistados. O boi é retirado do próprio rebanho criado na propriedade ou pode ser adquirido de outras manadas através da compra. Os animais são escolhidos segundo seu arranjo e proporção das diferentes partes do corpo. Um boi de carro deve ter força, resistência e um temperamento dócil para facilitar sua condução pelo carreiro (o condutor do carro de boi).

Em muitos sítios com maior relevância para os pequenos proprietários e pequenos agricultores (moradores), aparece a criação de cabras, bodes e ovelhas. Figurando como uma das principais alternativas econômicas para o semiárido, representando um dos principais rebanhos da região, a caprinocultura é bem adaptada às condições climáticas do sertão.

A presença desses animais marca sobremaneira a paisagem local, já que em alguns lugares os produtores precisam cercar as plantações com paus de até dois metros de altura para evitar a presença dos animais nas lavouras e para o manejo dos rebanhos. Segundo declarações locais, o bode destrói tudo o que vê pela frente e as cercas são a única forma de deixá-lo longe das plantações. “[...] tudo que é pau torto eles comem, precisa de cercas altas para não comer as plantações” (Sitiantes, em São Gonçalo do Amarante-CE, 2004).

Entretanto, em alguns lugares, os caprinos são criados soltos na caatinga, principalmente na seca, pois nesse ambiente eles encontram mais alimentos. Para evitar que o rebanho se misture, os animais recebem um

sinal, que consiste geralmente num corte na orelha, feito de maneira diferente por cada proprietário.

Pequenas criações, como a da galinha, do capote (galinha de angola) e do porco, têm o objetivo de proporcionar variação no cardápio do sertanejo. As aves dependem basicamente do milho, e no ano de safra ruim, as galinhas sofrem pela escassez do milho. As aves são criadas soltas no terreiro ou nas ruas das localidades. Durante a noite, muitas voltam para casa para dormir em cima das árvores perto das casas ou até mesmo nas cumeeiras das casas.

No caso do porco, ele é engordado para as festas do final do ano. Em muitos lugares, os porcos são criados soltos nas roças 'fuçando', assim como galinhas e bodes. As vias, com pouca circulação de veículos, podem ser consideradas, muitas vezes, extensões dos quintais e das casas de moradores locais, uma vez que suas criações perambulam pelas ruas e estradas. A alimentação usada para o tratamento dos porcos é composta de restos de comida e forragem natural.

A comida do sertanejo é à base de farinha de mandioca, feijão, milho, abóbora, merenda (biscoito, bolo ou cuscuz) e café. E quando pode, a carne de sol é muito apreciada. De acordo com os entrevistados, o mais comum é fazer três refeições diárias: café, almoço e jantar. Entretanto, as famílias que têm melhores condições financeiras fazem mais de três refeições.

Quem mora perto de rios ou açudes pesca ou caça animais silvestres como tatu-peba. Além disso, aquelas famílias que recebem programas do governo, como Fome Zero, procuram consumir produtos diferentes pelo menos uma vez por semana, doces industrializados e macarrão, por exemplo.

6. As habitações do sertanejo

De acordo com Bachelard (1978), a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, sonhos e lembranças do homem, pois sem a casa ele seria um disperso.

[...] A casa na vida do homem afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano [...] E sempre em nossos devaneios, a casa é um grande berço [...]. A vida começa bem; começa fechada, protegida, agasalhada no seio da casa. (idem, 1978: 201).

Portanto, a moradia constitui uma das necessidades fundamentais do ser humano, um primeiro mundo. Para Lemos (1989), a função básica de uma moradia é a chamada função abrigo, entendida como um invólucro seletivo e corretivo das manifestações climáticas, enquanto oferece as mais variadas possibilidades de proteção. Porém, a simples relação de cômodos numa moradia pouco exprime as questões referentes às funções da habitação, tais como atividades ligadas ao lazer, ao repouso noturno e aos serviços em geral. A enumeração destes espaços especializados pode ser a mesma para qualquer comunidade e para qualquer família, independentemente das condições sociais.

Entretanto, a moradia também pode ser vista como um espaço de tradução das relações sociais em que, através da forma e da utilização conferida aos seus espaços, podem-se identificar os agentes sociais e seus valores em determinado período histórico.

Para Marcelin (1999), ao construir uma casa os moradores consideram uma série de fatores como onde construir, qual material utilizar, com quem construir, podendo ser uma atividade que reúna a comunidade. Assim, construir acaba sendo uma decisão coletiva que coloca em “jogo negociações matrimoniais, organização ou reforço de um espaço físico no qual exerce a experiência familiar, estratégias individuais, coletivas, recursos econômicos e humanos” (idem, 1999, p.36).

Em relação às casas dos sitiantes, encontradas ao longo do trabalho de campo, elas são normalmente moradias que utilizam recursos locais disponíveis em suas construções. Essas construções são feitas de pau a pique, com chão de terra batida, cobertas de palha ou telhas de amianto, normalmente construídas com o pau de sábia.

Mas também existem aquelas construções de adobe (uma espécie de tijolo que não é queimado em forno), sendo cobertas por telhas de cerâmica ajustadas sobre uma armadura de madeira. Geralmente, a divisão espacial das casas segue o seguinte padrão: dois quartos ou até três, dependendo do tamanho da família. Nesses quartos, é possível encontrar ganchos para pendurar a rede e em alguns casos é possível encontrar camas. As entradas dos quartos se abrem para a sala. A sala é o local onde se recebem as pessoas, espaço em que fui recebido durante as entrevistas. Normalmente, a sala tem rádio ou televisão, dependendo da existência energia elétrica, além de oratório utilizado para consagrar os santos de devoção do morador. Na sala, também se encontram quadros de santos e fotos da família pendurados na parede.

A cozinha, segundo os entrevistados, é o espaço por natureza das mulheres, que são responsáveis pelo preparo do alimento, feito normalmente em fogões de lenha. Muitas casas não têm banheiros, geralmente a higiene corporal é feita fora da casa, no fundo do quintal, requerendo bica d'água. E em alguns casos, a higiene é feita nos açudes mais próximos, o que pode contribuir para condições desfavoráveis de saúde destas famílias. Além disso, as roupas da família são lavadas nos riachos, açudes ou reservatórios de água próximos às casas.

O quintal é o local onde se encontram as pequenas criações que ficam soltas nas ruas e vielas das localidades, uma extensão da casa. No quintal normalmente se planta alguma árvore de ciclo de vida menor, como a bananeira. Entretanto, não é muito comum o plantio de fruta na maioria das localidades, além disso, em alguns lugares se plantam verduras destinadas a tempero, como a cebolinha, em plataformas suspensas para

evitar que os animais grandes como o porco ou o bode as comam. Esse tipo de configuração de casas também foi encontrada por Marcelin (1999) ao estudar a linguagem da casa no recôncavo baiano. Nesse estudo, o autor classifica a casa “Como uma combinação, por assim dizer, da ordem da natureza com a ordem social. Sua organização estrutural é tal que seu interior opõe os espaços entre si, assim como os microespaços a eles associados”. (idem, 1999, p.35).

Aquelas casas cujos moradores não são proprietários do chão onde vivem têm um caráter da temporalidade. Essa situação faz com que as moradias apresentem um aspecto provisório. Desta forma, as moradias acabam refletindo um caráter de temporariedade em consequência da mobilidade em que normalmente essas pessoas vivem.

Outra relação importante com a casa é a relação entre a unidade de produção e a unidade de consumo, expressando a oposição casa versus roçado. Nesse sentido, autores como Heredia (1979) chamam atenção para a importância da moradia como um dos aspectos relacionados ao universo simbólico dos agricultores, assim como aspectos associados ao trabalho e à produção de subsistência, relacionados à moradia, pois para a autora é o trabalho no roçado que possibilita o consumo familiar que se realiza na casa, adquirindo o roçado um caráter dominante sobre a casa.

Essa relação de produção e moradia foi possível de ser observada na maioria das casas visitadas, em que os agricultores armazenam alguns produtos destinados à venda ou ao consumo próprio. Eles ainda utilizam as casas para produzir artesanatos de palha e bordados, destinados, sobretudo, à venda na cidade ou a atravessadores.

7. Festa, religiosidade e crença no interior dos sítios

A fé em Deus e nos santos é uma das principais características dos sertanejos, com os quais tive oportunidade de conversar. E uma forma de expressar essa fé é através das festas destinadas à comemoração do dia

do Santo ou ao Padroeiro do sítio. Entre os vários santos da Igreja Católica, o mais comum é comemorar São Gonçalo do Amarante, São Sebastião, Nossa Senhora da Assunção, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora de Fátima, a Festa de Maria, Nossa Senhora da Conceição, São Pedro, São José e muito outros Santos que compõem a tradição desses sítios. É importante ressaltar que praticamente em todo o sítio em que havia muitas famílias morando existia uma capela ou uma igreja que ficava normalmente localizada numa área mais central do sítio.

Normalmente, as festas dos padroeiros são marcadas, por um lado, pelo caráter religioso como as novenas, as ladainhas, o pagamento das promessas ou oferecimento de uma prece como mandar rezar uma missa ou queimar um pacote de vela no dia do Santo homenageado. Segundo Prado (1977), as festas dos Santos representam a maneira mais forte de se provocar o milagre do Santo. “Os preferidos para este tipo de contrato são Santo Antônio, São Benedito, São João e o Divino Espírito Santo” (idem, 1977: 27).

Outro ponto a ser observado no caráter das festas dos Santos são as novenas que podem ser consideradas um complexo ritual que envolve reza, música, dança e confraternização. As novenas acontecem geralmente antes das festas. Sua principal função é preparar os fiéis espiritualmente para o culto ao Santo que será homenageado. Ela é distribuída ao longo de nove dias de modo que a última noite caia na data destinada à comemoração do santo da festa.

De acordo com narrativas dos sitiantes, cada um dos dias de uma novena é denominado noitada, que geralmente é patrocinado por uma ou mais famílias moradoras do sítio. As famílias, neste sentido, são responsáveis por providenciar a comida e a bebida a ser servida aos músicos que acompanham a reza numa capela local (quando ela existe) ou na casa de um morador. O patrocínio de uma noitada normalmente é considerado um acontecimento que confere muito prestígio social às famílias escolhidas. No seu sentido religioso, ela também é o momento no

qual a família, como um todo, recebe nominalmente as graças advindas do seu santo de devoção.

As famílias que organizam as noitadas de uma festa de santo são escolhidas por uma Comissão Organizadora permanente, formada pelo padre da capela e por alguns moradores do sítio. As noitadas, neste sentido, contribuem para que os festejos sejam construídos como um empreendimento coletivo do sítio, envolvendo vários moradores do lugar.

A rigor, esse evento pode ser entendido, como classificou Mauss (2003), como um grande sistema de prestações totais, comentado anteriormente, em que pessoas, famílias e sítios inteiros são inscritos em uma corrente obrigatória em que bens de natureza econômica, social e religiosa são dados, recebidos e retribuídos.

Além disso, as festas dos Santos representam uma forma de o sertanejo agradecer ou interferir através das rezas, das promessas nos ciclos naturais pedindo melhores colheitas, mais chuvas ou agradecendo as chuvas que foram abundantes. Desta forma, as festas se tornam um momento de agradecimento ou de súplicas à natureza, um elo que o sertanejo cria entre o homem impotente com o divino, o sagrado. Além disso, ele acredita que as divindades interferem ativamente na atividade agrícola para ajudar o lavrador na sua plantação, trazendo mais chuvas e fartura.

Para Ferlini (2001), essas relações dos ciclos da natureza com a periodicidade da economia agrícola fizeram com que em todas as culturas fosse estabelecido um calendário de festividades, no qual as comunidades se congregavam para celebrar, agradecer ou pedir proteção. Segundo a autora, essas formas de festas ou culto às divindades protetoras da natureza estão na origem das festas portuguesas, que foram inseridas no Brasil pela colonização. Para autores como Brandão (1980) e Prado (1977), esse tipo de manifestação corresponde a momentos especiais de uma sociedade camponesa que têm o papel de reconstruir os limites do agrupamento camponês.

Por outro lado, as festas dos santos contribuem também como fator de aglutinação dos agricultores nos sítios, povoados ou nas cidades, sobretudo nas cidades, pois nesse momento o comparecimento dos agricultores se faz notar, pois sítiantes são povo da rua, participam juntos nas vias sacras, nas procissões ou nos leilões da igreja.

De acordo com os entrevistados, o período da festa do Padroeiro é o momento de as pessoas colocarem as melhores roupas, sapato novo, coisas dessa natureza. Esse tipo de observação também foi feito por Ferlini (2001) nos engenhos do período colonial.

[...] as festas de Natal e da Páscoa constituíam momentos de conagração das populações rurais e urbanas nos engenhos, quando se organizavam grandes comemorações, com muitos convidados, que permaneciam por vários dias nas propriedades (idem, 2001: 451).

Segundo os entrevistados, outras festas de Santos muito comemoradas são a de Santo Antônio e de São João. Essas festas são comemoradas em praticamente todo o sertão e acontecem nos meses de junho ou julho. São as chamadas festas juninas ou julinas, marcadas pelas grandes fogueiras, pelas rodas em volta da fogueira e pelas quadrilhas de São João.

Nas festas juninas geralmente acontecem os principais bailes dançantes, movidos ao som do forró e das músicas propícias para a festa. É importante ressaltar que os bailes dançantes acontecem sempre ou quase todos os sábados do ano, mas no período das festas juninas é que o corre o envolvimento de toda a comunidade, como pode ser observado no relato de uma agricultora logo abaixo.

Aqui a festa que é boa e que todo mundo participa é a festa de fogueira ou as festas juninas. A gente enfeita o lugar as crianças dançam quadrilha na escola e os adultos também dançam quadrilha. Tem muito forró, é uma forma de integração dos moradores dos sítios. (Sítiante em São Luiz do Curu-CE, 2004).

Além das festas dos Santos, outro momento de festejo muito tradicional no sertão, porém não ocorrendo de maneira periódica, são as festas políticas (período de eleições), os chamados comícios de candidatos

a prefeito ou a vereadores. “Você vê que na época da política tem muita festa na cidade, a gente gosta muito porque o pessoal traz banda de forró de fora, tem muita dança e cantoria.” (Sitiente em Piri-piri – PI, 2004).

Tais eventos acontecem ao som de muito forró, animados por bandas da região ou até mesmo bandas da capital. Normalmente, os comícios acontecem nas praças das cidades ou dos povoados. E logo após o discurso dos candidatos, acontece o baile, ou como diria um entrevistado, ‘depois da falação o forró come solto’.

8. Considerações finais

Por meio deste trabalho, eu me propus apresentar algumas observações sobre a categoria sítio na região do Sertão brasileiro. Dentro do processo de análise deste texto, procurei destacar aqueles elementos que me pareceram mais contundentes dentro das regiões visitadas, sobretudo, no que diz respeito aos sítios espaços que servem não só para produzir alimentos, como também para reproduzir ideais e pode ser analisado como um processo ritual, sendo, dentro dos sítios, um espaço territorial marcado por elementos simbólicos, culturais e espaço de parentesco. Assim, alguns apontamentos sobre essa experiência podem ser destacados nessas considerações.

- A relação com a terra que para os sítiantes tem um significado de família, um local de trabalho uma relação de reciprocidade.
- Os laços de parentesco, como um princípio organizatório dos sítios, permitem trocas e reciprocidades e, de certo modo, a existência do sítio.
- A fé do sertanejo nos Santos e em Deus, caracterizada principalmente no ritual da novena, é o momento simbólico mais marcante, sendo, entre os moradores dos sítios, uma das principais relações com o sagrado.

- O processo de trabalho, de preparo da terra e das culturas a serem cultivadas está relacionado com as condições de dependência do sertanejo do ciclo das chuvas. No verão, trabalha-se menos e no período das chuvas é que se concentra o trabalho.

A rigor, é importante reconhecer os limites que sempre existem em uma pesquisa de campo, principalmente dessa natureza, por isso é importante a necessidade de um maior tempo de convívio com os sertanejos para a uma melhor compreensão das categorias apreendidas. Todavia, como foi mostrado anteriormente, os resultados das observações diretas e o acúmulo de tais observações me permitiram apontar alguns traços mais marcantes da organização social e dos modos de vida dos locais percorridos nesses sítios.

9. Referências Bibliográficas

ANDRADE, Manoel. **A terra e o homem no Nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 1963. .

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. pp 181-221.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Sacerdotes da Viola**. Petrópolis: Editora Vozes, 1980. pp. 9-56.

_____. **Plantar, colher e comer**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

CÂNDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1987. 284p.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Brasiliense e Publifolha, 2000.

FERLINI, Vera Lúcia do Amaral. Folgedos, feiras e feriados: aspectos socioeconômicos das festas no mundo dos engenhos: **Festa: Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa**, volume II / István Jancsó, Iris Kantor (orgs.). – São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo:

Fapesp: Imprensa Oficial, 2001 – (Coleção Estante USP – Brasil 500 anos, v.3).

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens livres na ordem escravocrata**. São Paulo, Editora Ática. 1976. Capítulo 1.

GARCIA JÚNIOR, Afrânio Raul. **O Sul: caminho do roçado - estratégias de reprodução camponesa e transformação social**. São Paulo/Brasília: Marco Zero/EdUnB. 1989.

GIACOBBO, Elisa Olívia. **A construção e reconstrução das relações familiares em um assentamento de Reforma Agrária**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 1994. pp 39-81. (Dissertação - Mestrado em Sociologia).

HEREDIA, Beatriz Maria Alasia. **A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1979. 163p.

LEMOS, Carlos. **História da casa brasileira**. São Paulo: Contexto, 1989. 83p.

MALINOWISKI, Bronislaw Kasper. Argonautas do Pacífico Ocidental. In. **Os pensadores**. São Paulo. Abril cultural. 1978.

MARCELIN, Louis Herns. “A linguagem da casa entre os negros no recôncavo baiano”. In: **Mana: Estudos de Antropologia Social**. Rio de Janeiro, 1999. pp 31-60.

MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva.” In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, Cosac e Naify. 2003. pp 184-317.

PRADO, Regina de Paula. **Todo Ano Tem: as festas na estrutura social camponesa**. Rio de Janeiro, UFRJ-Museu Nacional, 1977 (Dissertação de mestrado).

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: Editora da UnB. 1999.

WOORTMANN, Klass. “Migração, família e campesinato”. In: **Revista brasileira de estudo de população**. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Janeiro/junho de 1990, pp 35-53.

WOORTMANN, Ellen. **Herdeiros, Parentes e Compadres**”. Brasília. Edunb, 1995.

WOORTMANN, Klass e WOORTMANN, Ellen. O **trabalho da Terra: alógica simbólica da lavoura camponesa**. Brasília: Editora Unb, 1997.